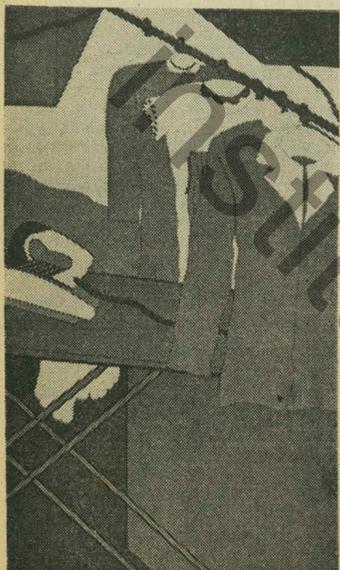


# CADERNO B



Régio Monteiro: Ceia

Quadros a óleo, objetos de acrílico, madeira, papel, aço inoxidável, espelho, plástico, ferro, feltro, desenhos com cartão recortado, gravuras, ambientes exigindo a participação do espectador: a partir do próximo dia 23 (e até 10 de julho), o VIII Resumo de Arte do JORNAL DO BRASIL estará sendo apresentado no Museu de Arte Moderna. Quinze artistas participam deste panorama das artes visuais brasileiras, um resumo que se repete a cada ano e desde o dia 23 de julho de 1963, quando foi inaugurada a I Exposição Resumo no 5.º andar do edifício-sede do JORNAL DO BRASIL.



Vanda Pimentel

O VIII Resumo de Arte JORNAL DO BRASIL, um acontecimento dos mais importantes do calendário artístico do Rio de Janeiro, vai ser inaugurado na próxima terça-feira no Museu de Arte Moderna, às 18 horas. Esta coletiva tem por finalidade apresentar ao público carioca, segundo um critério de votação realizada entre os críticos de todos os jornais do Rio, uma visão completa do que de melhor foi apresentado no ano anterior em matéria de exposições de artes visuais. Os artistas selecionados para este ano foram: Tarsila do Amaral, Vicente do Régio Monteiro, Abelardo Zaluar, Ubi Bava, Tomoshige Kusuno, Raimundo Colares, Tomie Ohtake, Antônio Maia, Emanuel Araújo, Humberto Espíndola, Vanda Pimentel, Amélia Toledo, Yutaka Toyota, Carlos Vergara e Ascânio M. M. M.

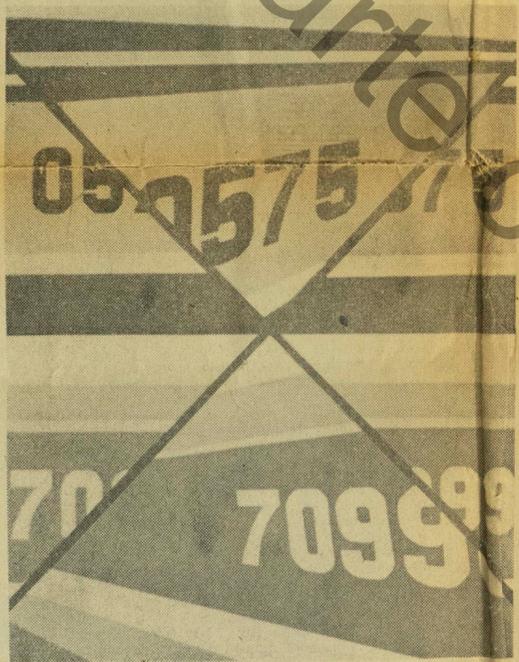
A exposição Resumo, que já é um patrimônio da cidade, dinamiza-se de ano para ano. A mostra de 1970 apresenta artistas de várias gerações e tendências e de todas as regiões do Brasil, da Bahia e do Mato Grosso, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, de São Paulo e de Sergipe, da Guanabara e de Pernambuco, numa ampla amostragem confirmadora da inegável vitalidade da arte brasileira.

No dia 23 de julho de 1963, foi inaugurada no 5.º andar do edifício do JORNAL DO BRASIL a I Exposição Resumo, que reunia trabalhos de 10 artistas selecionados através de uma enquete e homenageava quatro pintores brasileiros falecidos: Guignard, Pancetti, Portinari e Segall. Através do critério na escolha dos votantes — críticos, colecionadores e pessoas ligadas às artes plásticas — foi possível excluir a idéia de competição e chegar a um resultado que reuniu, indiscutivelmente, artistas destacados tanto no Brasil como no estrangeiro, todos com premiações importantes.

## Renovação anual

A montagem da I Exposição Resumo foi feita pelos arquitetos Haroldo Barros e Rubem Breitham. O 5.º andar do JORNAL DO BRASIL foi inteiramente remodelado para receber as obras dos artistas Manabu Mabe, Antônio Bandeira, Franz Krajcberg, Volpi, Bruno Giorgi, Fayga Ostrower, Djanira, Milton Dacosta e Iberê Camargo.

Para o Resumo de 64 foi retomada a idéia de seleção dos melhores artistas com exposições no ano anterior, de modo que, a cada ano, houvesse renovação de nomes e valores que caracterizassem inclusive novas tendências da arte brasileira, verificadas atra-



Raimundo Colares



Ubi Bava: Grati

# A ARTE

## EM

## RESUMO

FRANCISCO BITTENCOURT



Tarsila do Amaral: Sono

ves do aparecimento de jovens artistas, ou transformação na técnica de artistas já consagrados.

A II Exposição Resumo foi inaugurada no dia 30 de junho, no 5.º andar do JORNAL DO BRASIL, reunindo obras de Maria Leontina, Flávio Shiró, Ivã Freitas, Emeric Marcier, Carlos Scliar, Lígia Clark, Isabel Pons, Newton Cavalcânti, Augusto Rodrigues e Darel Valença.

Em 1965, a III Exposição Resumo foi incluída no Calendário Oficial dos festejos do IV Centenário do Rio. Com o mesmo sistema de votação, foram selecionados os seguintes artistas no setor pintura: Di Cavalcânti, Iolanda Mohalyi, Antônio Dias, Gastão Manuel Henrique, Benjamim Silva e Frank Schaeffer. Na categoria de desenho foram escolhidos Ivã Serpa, Maciel Babinski e Geza Heller. Da seção de gravura constaram Roberto Magalhães e Dorá Bastilio. Salgueiro foi o escultor presente.

O IV Resumo de Arte, realizado em 1966, teve como artistas participantes Abraham Palatnik, Sérgio Camargo, Artur Luís Piza, Rubens Gerchman, Farnese de Andrade, Ivã Serpa, Franz Krajcberg, Raimundo de Oliveira e Ana Leticia. Uma homenagem póstuma foi prestada ao escultor baiano Agnaldo dos Santos.

Na V Exposição Resumo — 7 de abril de 1967 — é necessário notar a identidade de pontos-de-vista, num júri formado por pessoas de gostos tão diversos, cabendo sempre aos primeiros colocados uma votação acima dos 50% de total dos votos. Dos 22 votantes, 15 optaram por Iberê Camargo, que recebeu 68% da votação. Na categoria relêvo-objeto, criada para distinguir os artistas que fugissem às classificações tradicionais de pintores ou escultores, o primeiro lugar coube a Gastão Manuel Henrique, com 16 votos (73%). Mas a maior votação coube a Fayga Ostrower, que alcançou quase 100% dos votos (21), seguida da Maria Bonomi, com 20. Na escultura, índice mais baixo, Mário Cravo Júnior reuniu 54%, com 12 votos. O índice voltou a subir com Roberto Magalhães, que obteve 77% da votação, com 17 pontos. Completavam a seleção os nomes de Carlos Scliar e João Quaglia na pintura, Farnese de Andrade como construtor de objetos e Aldeir Martins como desenhista. Em 67, a homenagem póstuma foi prestada ao pintor Ismael Néri.

A VI Exposição Resumo — abril de 1968 — premiou as gravuras de Ana Bela Geiger — **Embrão, Olho e Tronco** — com uma viagem Rio—Nova Iorque—Europa—Rio e mais mil dólares. Doze artistas entre os que expuseram em 1967 foram selecionados pelos críticos: Antônio Dias, Carlos Vergara, Milton Dacosta, Rubem Valentim, Ana Bela Geiger, Artur Luís Piza, Marcelo Grassmann, Newton Cavalcânti, Vilma Martins, Sônia Ebling, Rubens Gerchmann e Dileni Campos.

"A mostra Resumo-68, sintetiza as várias linhas da pintura contemporânea no Brasil, da gravura fantástica de Marcelo Grassmann à simetria de simbologia religiosa de Rubem Valentim, chegando ao objetos de Dileni Campos e Rubens Gerchman, passando pelas Vênus de Milton Dacosta e pelos relevos de Sônia Ebling" — escreveu Walmir Ayala.

O VII Resumo de Arte foi inaugurado no dia 20 de maio de 1969 no Museu de Arte Moderna, e premiou a pintora Ione Saldanha com uma viagem Rio—Nova Iorque—Europa—Rio e mil dólares. Os demais artistas selecionados foram Ivã Freitas, Ivã Serpa e Samson Flexor (pintura); Ana Leticia, Fayga Ostrower, Franz Krajcberg e José Lima (gravura); Darcília Lima, Darel e Farnese de Andrade (desenho); Lígia Clark (labirinto); Hélio Eichbauer (cenografia). Uma homenagem póstuma foi prestada ao gravador Osvaldo Goeldi.

Desse Resumo disse o crítico Walmir Ayala: "Em seu sétimo ano, exatamente ao completar a idade da razão, a promoção Resumo de Arte do JORNAL DO BRASIL realiza não só a sua mostra mais importante até agora, como se define em termos de um exato e completo panorama das tendências assumidas pelas artes plásticas no país, nos últimos e intensos anos de criação. Quatro gravadores, três desenhistas, quatro pintores, um cenógrafo, um criador de ambientes sensoriais, compõem este conjunto que a crítica especializada do Rio de Janeiro dosou com acerto, que pensaríamos combinado, não fossem estes votos colhidos individualmente, sem qualquer acordo prévio, reunião, sequer estabelecimento de critérios. Um cotejo determinado pela imposição das exposições mais apreciadas definiu esta coletiva que merecia itinerar por todo o país, numa verdadeira lição de arte hoje, rumos de criação, atualidade e vitalidade."

# OS QUINZE NOMES DE RESUMO

Do quadro a óleo pintado na década de 20 ao papel de embalagem precário e perecível, passando pelo objeto de PVC cheio de água e óleo mineral colorido, todas as tendências artísticas do Brasil atual estão reunidas no VIII Resumo de Arte do JORNAL DO BRASIL.

Obras de 15 artistas estarão expostas a partir do próximo dia 23 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, dando ao público carioca uma visão objetiva da arte brasileira. Eis uma síntese da vida e do trabalho desses artistas:



**Tarsila**

*Um capítulo da História*

O acontecimento artístico mais importante de 1969, no Rio de Janeiro, foi a retrospectiva de Tarsila do Amaral, 50 Anos de Pintura, organizada pela crítica paulista Araci Amaral e realizada em março, no MAM. Foram apresentados 100 quadros a óleo (o primeiro datado de 1918), muitos desenhos inéditos, de antes de 1920, feitos em Paris, gravuras raras e algumas esculturas.

Esta mulher, que foi amiga de Mário de Andrade e musa inspiradora de Oswald de Andrade, hoje considerada a maior pintora brasileira viva, mora numa rua silenciosa de São Paulo sob os cuidados constantes de uma enfermeira que não permite a aproximação de visitantes incômodos. Tarsila é uma *caipirinha* de Capivari, Estado de São Paulo, nascida em 1890. Depois de 1922, já casada com Oswald de Andrade, fixou residência em Paris para estudar com André Lhote e Gleizes. Em 1923 pinta sua primeira tela *antropofágica*, *A Negra*, onde a cor já era a brasileira. Logo depois vem *A Caipirinha*, que inspirou um poema a Oswald de Andrade. Esse poema, intitulado *Atelier*, publicado no livro *Pau Brasil*, em 1925, foi escrito quando Tarsila iniciava a sua grande fase pictórica. São anos de intensa atividade criadora e de viagens: 1924: sua tela *E.F.C.B.* é exposta durante a exposição-conferência do poeta francês Blaise Cendrars no Brasil. 1926: viagem ao Oriente Médio — Grécia, Turquia, Israel e Egito — de onde volta com uma extraordinária coleção de desenhos e esboços; nesse mesmo ano realiza sua primeira individual em Paris. Em 1927 conhece a Bahia. 1928 pinta o *Abaporu*, em janeiro, inspirando o movimento antropofágico a ser desencadeado por Oswald de Andrade e Raul Bopp. No ano seguinte expõe individualmente pela primeira vez no Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1931 expõe em Moscou, no Museu de Arte Moderna Ocidental. A partir de 1933 pinta as primeiras telas sobre o problema social no país, *Operários* e *Segunda Classe*. Em 1950 retoma com *Fazenda*, as tônicas da fase *Pau Brasil*. A partir de 1951 participa das bienais de São Paulo e tem sala especial na XXXII Bienal de Veneza.



**Humberto Espindola**

*A mensagem do Pantanal*

Humberto Espindola surgiu no Rio de Janeiro expondo na Sala Goeldi. Já tinha aparecido em diversos salões nacionais de arte moderna, e em 1969, no mesmo ano em que se apresentou individualmente na Goeldi, ganhou isenção de júri no salão.

Um mato-grossense de Campo Grande, Humberto Espindola, que nasceu em 1943, tem como temática os grandes pantanais de sua região onde o boi representa a única fonte de trabalho e de capital.

Espindola é mais ativo do que a maioria de seus colegas do interior do país. Apresenta-se em salões e coletivas de diversos Estados, e ganha prêmios.

Agora, para o Resumo, escrevemos a Espindola pedindo-lhe que nos enviasse um depoimento sobre seu trabalho. Sua resposta foi imediata:

"Em 1965 regressava de meus estudos no intuito de integrar-me como adulto na estrutura do Mato Grosso. Artista, que sempre me acreditei ser, imediatamente senti sobre mim a pressão de uma sociedade rude e des preocupada com os problemas que poderiam individualmente estar me atingindo. A agressividade, a ansia por moedas, a ferocidade pessoal de meu conterrâneo, o seu conceito de prazer e de beleza, a afirmação e a imposição como tradução do progresso e, principalmente, os intermináveis espaços vazios, mas vivos numa potencialidade adivinhável, tudo isso, não foi difícil conotar numa equação que traduzi em Bovinocultura, onde apenas um par de aspas poderia transladar-lhe o sentido do campo para o salão. Descobri a mentalidade de meu conterrâneo, a mentalidade de um mundo novo. No céu o sol, na terra a água e o pasto numa conturbada indomada. Na atmosfera a presença do Boi, fabricante de moedas, alimentando a palavra e o corpo do povo. Para uns o Boi é o verbo, para outros a carne. Fiz a pintura desse grande Boi partindo de metáforas mais evidentes, como as sociais e as econômicas, construindo uma alegoria denunciadora (Sala Goeldi, 69). Posteriormente procurei compensar minha sociedade naquilo que julguei de que mais carecia, ou seja, na plasticidade dirigida e humanizada pelo artista. Exaltei-lhe no assunto as origens desse culto imperecível, buscando nos resquícios da cultura exterior, no imemorial coletivo, o porquê dos mitos numa sociedade regional e desprovida de tradições (X Bienal/XIX Salão Nacional).

Agora busco no Pantanal e na Pecúria em si mesmos as origens mais profundas do *status social*. Na ecologia única do Pantanal, define-se a predisposição à Bovinocultura. Na paisagem alagadiça e labiríndica os caminhos surgem desvirtuando a escolha da impossibilidade de um fim idêntico: o crachá — pano moeda de uma estrutura econômica. O crachá é um diploma e o arame a experiência capaz de ingressar o indivíduo no seu meio. Os espaços intermináveis, a morbidez repetitiva da paisagem justificam a neurose do vazio e a necessidade de construir impérios e cidades. Assina-se com a marca de ferro e cuida-se dela como de um brasão. Todavia, quanto se propõe o domínio do homem, mais se impõe a potencialidade pantaneira, provocando sínteses sucessivas e indefinidamente. Humberto Espindola."



**Toyota**

*Um mundo dinâmico*

Neste mês de junho em que expõe no Rio na Galeria Bonino e no VIII Resumo JB, Yutaka Toyota naturalizou-se brasileiro "porque foi neste país que minha arte se afirmou".

Toyota nasceu em 1931, em Yamagata, Japão, e começou a pintar aos 18 anos. Fazia paisagens, óleos sobre tela. Ainda estreado tirou o primeiro prêmio do Salão de sua cidade, capital de uma província japonesa. Depois foi estudar desenho industrial na Universidade de Tóquio. Fez diversas exposições no Japão antes de vir para o Brasil. Até 1953, data de sua chegada em São Paulo, nunca tinha pintado abstrato. Expôs pela primeira vez no Brasil em 1962, na Galeria Ambiente, de São Paulo, trabalhos de caráter abstracionista.

Espírito inquieto, Toyota resolveu viajar para estudar a arte de vanguarda desse país. Ficou morando na Argentina um ano e meio. Expôs em Buenos Aires tanto individual como coletivamente.

Decidi voltar ao Brasil por causa da Bienal de São Paulo de 1963. Entrei com cinco trabalhos de grandes proporções. Desde então participei de todas as bienais paulistas.

Desejoso de saber mais do que se passava no mundo em matéria de arte, embarcou para a Europa em 1965. Viajou muito para fixar-se e finalmente em Florença por seis meses. Como nessa cidade a arte de vanguarda não é muito forte transferiu-se para Milão onde manteve "contato permanente com toda a vanguarda européia".

Quando Toyota voltou para o Brasil em 1968 viu-se premiado em todos os salões para os quais mandou trabalhos: Santos, Curitiba, Belo Horizonte II Bienal da Bahia (grande prêmio) e X Bienal de São Paulo. Recentemente foi à Colômbia com um dos representantes do Brasil na Bienal de Medellín. Vai voltar à Colômbia antes do fim do ano para expor em Bogotá seguindo dali diretamente para Milão onde permanecerá três meses.

Para o Resumo ele preparou um ambiente com cinco objetos feitos de aço inoxidável, madeira, fórmica, acrílex e tinta fluorescente.



**Vanda Pimentel**

*A denúncia das compulsões*

— Casei em novembro. Dizem que o casamento mata a arte, pois comigo foi o contrário, nunca pintei tanto como agora.

A jovem artista Vanda Pimentel, nascida no Rio de Janeiro, foi escolhida para o Resumo JB com a exposição que fez na Galeria Relêvo no início de 1969. Essa mostra teve lugar depois de ela ter ganho o prêmio do Salão de Verão desse mesmo ano.

O dono da Galeria Relêvo gostou muito dos meus trabalhos e Vera Pedrosa o levou à minha casa, quando ele me convidou para expor na sua Galeria. Ali vendi 10 trabalhos e por isso pude viajar com a passagem que tinha recebido como prêmio no Salão de Verão. Um membro do júri dividiu o prêmio entre mim e outro pintor, mas tocando a passagem. Sem a ajuda de custo eu não teria podido viajar e só o fiz graças à venda dos quadros na Relêvo.

Tenho 26 anos, pinto há cinco anos. Tudo o que sei aprendi sozinha. Não fui aluna de ninguém. Minha melhor fase é a atual, a dos trabalhos que estiveram no XIX Salão de Arte Moderna e que vai figurar no II Panorama da Arte Contemporânea Brasileira, organizada pelo MAM de São Paulo.

Para mim é muito difícil explicar as coisas com palavras. Não gosto de falar sobre o que faço, mas posso dizer que na minha fase atual de maior liberdade as formas, que senti necessidade de me libertar fazendo relevos. Isso não quer dizer, no entanto, que não vá fazer mais telas. Posso inclusive empregar as duas técnicas paralelamente. O que quero deixar claro é que não tenho qualquer preconceito contra a tela.

Para mim, o material não tem a mínima importância, o importante é ter o que dizer. No caso desses últimos quadros com relevos, empreguei a madeira porque é mais barata. O que importa é que meu relevo não é gratuito, quando não sentir mais necessidade dele voltarei à tela.

E quais são os trabalhos que vão para o Resumo?

Vou expor quadros das fases de 1969 e de 1970. Os trabalhos do ano passado são pouco conhecidos aqui, foram expostos por apenas cinco dias na Relêvo indo a seguir para a exposição da Galerie Duret, em Paris.

Vanda é a pintora dos objetos eletrodomésticos que enchem todas as casas das grandes cidades brasileiras. O que deseja é denunciar um mundo de compulsões.



**Régio Monteiro**

*Uma vida entre dois pólos*

Morreu o artista a 5 de junho quando se preparava para o aeroporto de Guaratapes, no Recife, onde ia tomar o avião que o traria para o Rio, escolhido que fora para participar da Exposição Resumo de Arte. Ao mesmo tempo, em Brasília e São Paulo, prepararam-se retrospectivas de Régio Monteiro. Ele teve uma longa vida: viu seus quadros figurando nos maiores museus europeus, muitos deles perdidos definitivamente durante a II Grande Guerra. Felizmente o Museu do Jeu de Paume, de Paris, conseguiu salvar um de seus trabalhos mais belos, *A Criança e os Bichos* e o Museu de Grenoble, também francês, o grandioso *Luta de Boré*. Passada a guerra, Régio Monteiro, que durante o conflito instalara-se em Recife, voltou a Paris como um dos representantes da pintura moderna na América Latina no Velho Continente.

Vicente do Régio Monteiro pertence a uma tradicional família de artistas de Pernambuco. Transferiu-se para Paris em 1911 e com apenas 14 anos participou do Salão dos Independentes de Paris. Com a eclosão da Semana de Arte Moderna de 1922, Vicente expôs em São Paulo oito trabalhos de cunho modernista numa coletiva que escandalizou a cidade. Esses quadros estão hoje quase todos desaparecidos. Mas o artista era inquieto e sua atuação em São Paulo foi definitiva e rápida. Voltou para Paris onde era muito admirado. Oswald de Andrade, passando pela Cidade Luz em 1923, fez uma conferência na Sorbonne e falou sobre ele: "Em Paris, Vicente do Régio Monteiro se lançou de uma maneira particular na estilização de motivos indígenas, procurando criar, ao lado de uma arte pessoal, a arte decorativa do Brasil."

Suas tempradas no Recife o levavam a tomar parte no movimento artístico da cidade. Em 1947 ele volta a Paris e no ano seguinte realiza o *Mur de Poemes*, no Salão de Maio, que vem sendo organizado anualmente desde então. Sua intensa atividade como poeta bilingue fez com que ganhasse o Prêmio Guillaume Apollinaire com seu livro *Broussais — La Charité*.

O escultor Pablo Gargallo, que só fizera em toda sua carreira esculturas das cabeças de Picasso e Chagall, faz uma cabeça em ferro forjado do artista brasileiro. E o editor Pierre Seghers, de Paris, ao publicar o *Livre D'Or de la Poesie Française*, em dois volumes, com vinte anos de lírica francesa (1940—1960) incluiu o nome de Régio Monteiro. Em 1966, M. P. Bardil, impressionado pela importância histórica de Régio Monteiro, organiza uma retrospectiva sua no Museu de Arte de São Paulo. Foi daí que o artista começou a ser redescoberto pelo Brasil. Barcinski, o *marchand-de-tableaux* com galeria em Botafogo, e que organizou sua exposição em 1969 na Guanabara, com a qual Régio Monteiro foi escolhido para participar do Resumo, declara:

Walmir Ayala vinha me falando de Régio Monteiro há três anos. Agora, o MAM do Rio acaba de comprar uma peça sua, *A Banhista*, por Cr\$ 7.500,00, e o Museu Nacional de Belas-Artes, por sua comissão de compras, também está interessado em comprar um quadro seu.



**Ubi Bava**

*A busca da participação*

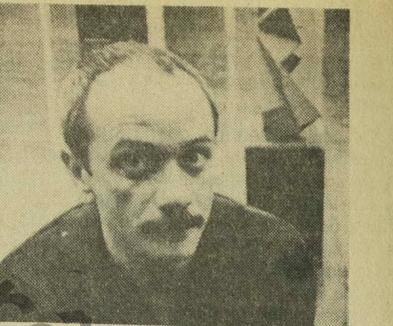
Ubi Bava é um tranqüilo paulista de Santos que mora no Rio há muito tempo, e leciona Desenho Artístico na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No tempo do movimento concretista — ele diz — quando aqui só se falava de um pequeno grupo de artistas, houve quase uma impregnação de concretismo em nosso meio artístico. Esse grupo de artistas apesar de reduzido, era amplamente apoiado por alguns críticos que, no auge da sua admiração e obsessão pelo movimento quase sempre se excediam. Contudo não me senti atraído por ele. Minhas preocupações eram outras em matéria de arte. Havia, sem dúvida, pontos de contato entre o que eu pensava e a filosofia do movimento, todavia eu realizava outra coisa. Para comprovar essa realidade al está parte da minha obra que foi exposta na Galeria Macunaima em 1958 e, mais tarde, na galeria das *Fólias*, em São Paulo, nos anos de 1959 e 1960 e, no ano passado, a outra parte, em exposição retrospectiva no IBEU.

A arquitetura somente deve ser complementada com trabalhos de artista plástico — acrescenta Ubi Bava — se o arquiteto admitir seriamente a sua participação. Em outras palavras, só se ele, no momento da criação, pensar também em termos dessa complementação. Como arquiteto que sou, não pelas obras de arquitetura, pois não as tenho, mas pelos estudos e pesquisas que fiz e ainda faço da arquitetura na parte estritamente teórica, acredito que essa complementação quando se realiza de outro modo, sempre resulta num arranjo, numa acomodação. A história é muito rica em exemplos desses dois modos.

Qual é sua opinião sobre o atual movimento de vanguarda que dá ênfase à arte conceitual, ambiental, etc.?

Todo o movimento de vanguarda é válido desde que sua realidade o comprove. Porém, nem sempre isso acontece. Há os que acreditam nos movimentos e os apregoam, prescindindo daquela condição. Levantar a bandeira da vanguarda sem estar com os pés no chão é fantasiar a realidade. O que importa é o que está sendo realizado. Pouco importa se é arte conceitual ou ambiental. Se o artista realiza, quem vai falar de sua obra ainda são os outros diante de sua obra. De nada valem as promoções, os preâmbulos, as defesas, se a obra não se sustenta. Porque, enquanto existir todo esse aparato literário, toda essa concentração precedente a obra, cal-se na pura desconversa.



**Antônio Maia**

*Do ex-voto ao homem*

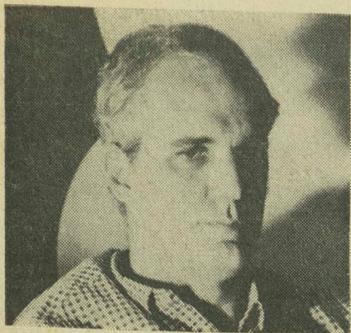
Este outro autodidata cheio de prêmios — viagem ao país, viagem aos Estados Unidos e viagem ao exterior por dois anos — que foi escolhido para o VIII Resumo de Arte do JORNAL DO BRASIL, é um sergipano de Carmópolis que chegou ao Rio já por volta de 1950 trazendo sua pintura que era um misto de pesquisa popular e inspiração religiosa. A pintura de Antônio Maia pode ser dividida, a partir de 1959, em quatro fases distintas: a dos ex-votos, a das bombas, a do pássaro ("que não é pássaro, mas um símbolo, podendo ser inclusive uma bomba e mesmo um pássaro") e a da cor americana.

Antigamente eu transformava gente em ex-votos. Hoje não represento o ex-voto e sim gente viva — diz o artista.

Suas preocupações com a liturgia da Igreja, no entanto, é uma constante. "As procissões estão gradativamente sendo extintas nas grandes cidades, mas continuam no interior." Uma delas, que viu em Cabo Frio, a Procissão do Senhor Morto, foi justamente pintada, em cinco partes, em telas de 1 metro por 75cm, para o Resumo. Maia está igualmente começando a pintar paisagens, ou de Cabo Frio ou de imaginação, onde acha que resolve com mais amplitude seus novos problemas de espaço e cor.

O problema da preocupação com a cor pode ser consequência da minha viagem aos Estados Unidos em setembro do ano passado. Na Filadélfia, por exemplo, me despertou enorme interesse a cor das árvores. Nova Iorque, que é uma cidade completamente cinza, tem em compensação uma iluminação artificial feérica. Essas coisas devem ter influído na minha nova cor.

E realmente, no quadro intitulado *Nova Torque*, Maia pinta a bandeira americana com o cinza-azulado de Nova Iorque na parte inferior da tela e as listras vermelhas na parte superior, tendo em primeiro plano o anjo típico do artista em dois tons de azul e rosto e pés em ocre. *Espectáculo Matinal* — um trabalho de pequeno formato — também é o resultado da aventura americana do artista. Nêle há uma multidão sob os raios inclementes do sol, tendo as estrelas azuis da bandeira americana por baixo.



## Abelardo Zaluar

### O rigor da forma

— Embora meu trabalho atual seja muito enriquecido pelos recursos da cor, da inclinação, do recorte e da montagem (colagem), ainda sou classificado como desenhista. De certa forma concordo com essa classificação, mas não completamente — é o que declara Abelardo Zaluar.

Zaluar nasceu em Niterói em 1924 e dá aulas de Desenho no Colégio Santo Inácio do Rio.

— De fato, o trabalho que faço hoje resultou da evolução de minha obra de desenhista. Agradeço constatar a coerência com que tudo foi acontecendo, assistir à integração do elemento básico do desenho — a linha — num conjunto muito diferente de forma tradicional do desenho, que guardamos do Renascimento. Ao sensorialismo das cores puras e vibrantes, oponho perfis de rigor geométrico com os quais pretendo traduzir o transcendente que há nas relações entre valor geométrico puro e o sentido evocativo de realidades imprecisas.

O que caracteriza, a nosso ver, a obra atual de Zaluar, é justamente a busca da precisão formal dentro de uma dialética linha-côr. Desta infundável luta, surge um trabalho sereno, preciso, firme, onde aos espaços coloridos contrapõem-se linhas rígidas que criam um equilíbrio precário. Para o artista, o equilíbrio representa a sua principal fonte de criação.

— Ao sentido plano, de duas dimensões, procuro aliar uma condição de espaço, de sucessão tridimensional, convencionalizando sombras projetadas que ao mesmo tempo criam uma sugestão de luz. Essa sombra em *sfumato* ao mesmo tempo se organiza geométricamente, obedecendo à inclinação constante de 45 graus. Por vezes, chego a fundir o relevo sugerido com o real, dobrando o cartão com que faço as montagens. Não creio, no entanto, que chegue a me utilizar do objeto como forma de manifestação.



## Amélia Toledo

### O jogo aberto

*Pede-se tocar neste objeto  
Ele é vivo, orgânico.  
A espuminha gosta de sombra fresca  
E de ser bolhada  
Para se exibir  
E sobreviver.*

Um aviso igual a este será colocado ao lado de cada uma das cinco obras que Amélia Toledo vai mostrar no Salão Resumo. São trabalhos feitos com PVC, material plástico e cilindros de ferro revestidos internamente de aço inoxidável e externamente de feltro. Trabalhos simples, que não necessitam de explicação, resultado de uma idéia que surgiu em 1967 e que não foi executada em 1968. Amélia chegou a usar plástico e PVC como recipientes, porque tinha muitos caminhos abertos para expressar os vários conceitos ao seu alcance, um dos quais do fluxo e reversibilidade das imagens.

No fundo de sua residência, Amélia Amorim Toledo dá vida a cilindros de ferro e aço, bôlhas de plástico, cilindros de PVC, conjuntos de toalhas de material transparente injetando-lhes água, óleo mineral, glicerina, corantes de vários tipos.

Sua participação na Exposição Resumo-JB é uma reunião que ela explica melhor em seu depoimento feito especialmente para esta reportagem:

— Envio 5 trabalhos para o Resumo, nos quais procurei reunir parcelas do que encontrei nos caminhos percorridos a partir de 1963.

Não pretendo ser conclusões — o jogo está aberto. Não acredito em definir com palavras as coisas visuais, muito menos as minhas. Essa parte, é dos escritores e poetas. Já outra coisa é nossa posição de indivíduos, que esta podemos colocar verbalmente.

É óbvio que cada um entenderá uma obra com a sua maior ou menor possibilidade de cultura. Uma vez a obra feita, o jogo está aberto, e também o risco. Seus vários níveis de significado podem ser entendidos, ou limitados, ou mesmo desvirtuados.

A *Piscina Refrescante* pode ser um abismo. As superfícies polidas e as puras cores transparentes podem gerar toda a ameaça da reversibilidade e a exigência de um conceito. O que é vivo não é apenas despreocupado e feliz.

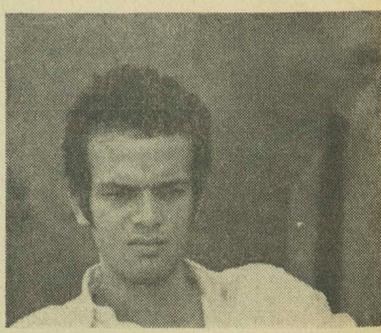
Nem a manifestação estética pode ser entendida apenas como sendo aquela que produz alegria ou prazer.

Há modos e modos de expressar conceitos paralelos.

Se não, onde caberiam as obras de Mathias Grunewald, Masaccio, Francis Bacon ou Cristo, por exemplo?

Acho que Le Parc, bem como Cristo, são artistas que expressam agudamente o mundo contemporâneo.

Prazer estético ainda é um conceito a ser explorado.



## Raimundo Colares

### A afirmação do autodidata

Raimundo Colares tem 26 anos de idade e já recebeu dois prêmios de viagem ao exterior. Um do IBEU para uma estada de mês e meio nos Estados Unidos e o outro que lhe foi concedido pelo júri de premiação do XIX Salão Nacional de Arte Moderna para uma permanência de dois anos no exterior. É uma das carreiras mais vertiginosas já surgidas nas artes plásticas brasileiras a deste jovem nascido em Grão Mogol, Minas Gerais, e que passou a infância em Montes Claros onde se iniciou autodidaticamente na arte que vai levá-lo a correr mundo.

— Desenho desde criança, mas meus primeiros trabalhos assinados datam de 1959 — diz ele. — Eram retratos de artistas de cinema, cópias de cartões postais e paisagens de Montes Claros. Em 1963 fiz meu primeiro óleo, um auto-retrato.

Depois, Colares morou em Salvador, com bolsa-de-estudos da Sudene para a escola de engenharia. Na capital baiana conheceu um grupo de jovens artistas que o pôs em contato com a obra de Klee e Mondrian, de quem nunca ouvira falar até então. Começou a pintar paisagens de Salvador com a tela repartida em quadrinhos, influência direta desses dois artistas. Numa decisão que iria mudar todo o curso de sua vida, abandonou os estudos de engenharia e veio para o Rio onde residu por seis meses, trabalhando como desenhista de letras, guia de turismo e publicitário, voltando a seguir para Montes Claros. Em 1966 fixou-se definitivamente no Rio. Nesse mesmo ano mandou dois desenhos com ônibus e números para o Salão Nacional de Arte Moderna e não foi aceito. Em 1968 enviou o mesmo trabalho para o salão, desta vez como pintura sob compensado, já nas dimensões de seus quadros atuais, 1,60m por 1,60m, e ganhou isenção de júri. Seu tema-obsessão, as cores chapadas dos ônibus e seus números, foi-se refinando de ano para ano.

Na verdade, o tema principal deste artista é o tempo e sua passagem. Na pintura são os ônibus que desfilam em grandes listras de cores puras e nos livros que agora faz essas cores abrem-se diante do espectador num ritmo desigual e dramático. Pedimos a Colares que nos definisse sua pintura e ele escreveu o seguinte poema-depoimento:

"Ultrapassagem — Pista livre — Ocorrência em uma trajetória — Ponto de mudança — Tentativa de ultrapassagem — Ultrapassagem — Pista livre — Frequência com 225007 trajetórias — BK: XI ... YZ? AELMX! YZ, AB — palavras — palavras — palavras — dinamismo — Superfícies — Modulações — Caminhos Cruzados — Planos — Tempo — Espaço — Velocidade — Justaposições — Conexões — Desconexão — O Sol — A Poeira — A Morte na estrada — A Morte — I think it's time to get back home."



## Vergara

### A opção latino-americana

Um dos artistas brasileiros mais discutidos no momento, Carlos Vergara, gaúcho de Santa Maria, sente-se bem no centro das polémicas, defendendo suas idéias.

Valeu-lhe a inclusão no Resumo a exposição que fez na Petite Galerie no ano passado onde apresentou seus novos trabalhos feitos com papelão ondulado de embalagem.

Carlos Vergara escreveu o seguinte depoimento sobre sua posição diante do fenômeno artístico:

— Um artista contribui para o universal quando sua produção é impregnada do caráter de sua região. A soma disso é que vai ser universal.

— Dominação econômica significa dominação cultural, e daí um monte de confusão e enganos.

— De repente a minha preocupação era de conseguir uma aparência latino-americana para uma manifestação latino-americana. Uma ótica do subdesenvolvimento, Super-Sub.

a — tamanho é documento  
b — quantidade é qualidade  
c — etc., etc.

— No Brasil o artista vive caçando quem veja seu trabalho. Os artistas deveriam ganhar seu sustento com seu trabalho. Modificar a relação obra — espectador é vanguarda. Abrir mercado e vanguarda.

— Atualmente trabalho em equipe com arquitetos, colaborando em projetos ou criando obras para serem inseridas em projetos de arquitetura e continuo o que se poderia chamar de trabalho de pesquisa com papelão ondulado.

— Tudo começou com a apropriação e exposição de uma embalagem, depois planejei uma linha de móveis, stands escultura-mostruários, e vários objetos sempre usando o papelão ondulado. Eu havia andado antes por diversos materiais, mas nenhum tão significativo quanto o papelão. Papelão pobre, frágil, pardo. Brasil. Incrível resistência, incrível maleabilidade.

— Antes eu fazia o que se fazia, agora eu faço o que eu faço. Estou juntando os pedaços.

— O "decorativo" por ventura não foi uma constante nas manifestações artísticas de sempre no Brasil?

— Quem já foi ao Museu do Índio?

— A superilustração não poderia envolver o espectador e possibilitar-lhe a formulação de perguntas?

— O que é tipicamente brasileiro é uma coisa criada no Brasil ou uma coisa incorporada aos costumes brasileiros?

— É uma coisa que *devesse* ser incorporada aos costumes brasileiros? Se recusa ou se incorpora?



## Tomie Ohtake

### A linguagem das cores

Na pequena casa da Rua da Paz, num bairro da classe média, em São Paulo, todos os quadros de Tomie Ohtake já desceram das paredes para o chão à procura de espaço.

Tomie, que nasceu em Kioto, Japão, em 1913, naturalizada brasileira desde 1936, não se lembra mais de quando começou a pintar. Foi ligada ao grupo Seibi (artistas plásticos da colônia japonesa), em cujos salões recebeu menção honrosa (53) e as pequenas e grandes medalhas de ouro (59 e 60). A medalha de bronze do Salão Paulista de Arte Moderna veio para as suas mãos em 57. E as pequenas e grandes medalhas de ouro do mesmo salão em 59 e 62. Tomie expôs em São Paulo, Córdoba (Argentina), Brasília, Belo Horizonte, Washington, Oakland, Tóquio e Rio de Janeiro. Seu depoimento para esta reportagem foi redigido em japonês e traduzido por um dos seus filhos:

— Participei de várias exposições coletivas no Rio, numa das quais com 10 telas, chegando a ser escolhida para o Resumo-JB (1965), mas foi no ano passado que realizei a minha primeira mostra individual nessa cidade.

Novamente no Resumo do JORNAL DO BRASIL, participei com cinco telas que são o desenvolvimento do meu trabalho da exposição da Petite Galerie. Dessa obra pouco tenho a dizer, minha linguagem é a das formas, das cores. Nessas formas, nessas cores, procuro colocar a questão do espaço, do grande espaço e é talvez por isso que Walmir Ayala escreveu certa vez que a minha obra caminha paralela com o problema da arquitetura. Não é sem razão que Paulo Mendes da Rocha, o grande arquiteto, escreve as minhas apresentações (1968, São Paulo, e 1969, Rio).

Não tento ser folclórica no sentido do orientalismo, mas evidentemente devo ter essa influência pela minha formação japonesa. Mas não me agradam o gestual, o acidental, o subjetivo. Procuro na pintura esgotar as possibilidades de uma forma, com variações de cores e de tamanhos, chegando a resultados diversos.

Com o passar dos anos, concluí que o amarelo, o roxo e o vermelho são as cores que melhor se adaptam às formas que uso e que melhor se mantêm na composição. No entanto, a utilização de outras cores não fica invalidada. Dessas poucas cores, usadas de maneira grave, estou passando a utilizar outras como os azuis, os ceros, os pretos, os verdes. Acredito que isso se deve ao trabalho de serigrafia que desenvolvo paralelamente, onde a utilização da cor trouxe modificações à minha pintura.

Esse trabalho paralelo é muito interessante e os resultados são satisfatórios à medida que as serigrafias deixam de ter aquela limitação de cores chapadas, formas recortadas, etc., desenvolvendo-se para a diversificação de tonalidades (sobreposição de pigmentos). Ao mesmo tempo preservando a minha linha de pensamento. Outra técnica que me absorve muito é a gravura. Pretendo montar ainda este ano no Rio uma mostra das minhas últimas gravuras.



## Tomoshige Kusuno

### O desafio do convencional

Os últimos trabalhos do pintor Tomoshige Kusuno são baseados no círculo, em que a sensualidade das linhas nega a racionalidade do geométrico, embora suas obras partam de um elemento racional, sem nunca desprezar o sensual e o sentido de humor.

— No momento, rejeito o efeito obtido através de certos materiais, como o reflexo do alumínio anodizado, por exemplo. Embora possa parecer acadêmico, ainda recorro a materiais convencionais porque acredito que posso explorá-los para obter esses mesmos efeitos. Isto é que é desafio para mim.

— Quem assim fala é um pintor e desenhista que nasceu no Japão e veio para o Brasil em 1960. Seus trabalhos têm passado por fases de abstração e nova-figuração e, segundo Araci Amaral, "neles coexistem, mesmo que instintivamente, o sensual, um agudo senso de humor e poético."

Atualmente suas obras mais importantes refletem elementos exteriores da natureza: raios, céu, mar, montanhas e sua relação íntima, pessoal, com esses elementos: "Num carro, a forma de uma cena se modifica a cada velocidade; para mim é muito importante a inter-relação entre a forma exterior e meu "eu". Os resultados, de forma abstrata, mantêm sempre as referências, como fonte, dos elementos derivados da natureza. Não apenas na forma como no tempo, luz, etc."

— Antes eu criava por processo mental, sobre o papel, com linhas e com o auxílio do inconsciente. Formas surgiam através do automatismo. Agora, creio que sou mais racional: incorporo uma forma abstrata quando nela sinto a finidade e correspondentes com meu pensamento, aplicando-as no meu trabalho.

— Ressalta entretanto, que sua preocupação não é a de se expressar de forma artística, mas satisfazer as necessidades de transmissão-recepção.

— Apesar da alteração por que passou meu trabalho depois de 1965, creio que fiquei fiel ao cubo, ao volume, à forma em relevo. Mas a preocupação perfeccionista de execução sempre permanece dominante. Um milímetro, na medida, pode alterar a estrutura e a inter-relação das formas. A qualidade do material também é importante para o objetivo a que me proponho e para sua exata realização: ainda utilizo madeira e tela.



## Emanuel Araújo

### De Santo Amaro da Purificação

— Em arte é necessário coragem e audácia no sentido de fugir a uma série de esquemas catalogados. Eu sempre achei que a gravura devia ocupar o mesmo espaço que a pintura e como figura isolada, pois morava numa cidade isolada das novas técnicas, comecei a fazer uma gravura em cor e de todo o tamanho, imprimindo numa prensa de água forte — diz Emanuel Araújo.

As gravuras de Sancho Pança que ilustravam o livro *Dom Quixote*, lido na época em que aprendia a fazer entalhes em móveis chipendale, foram as primeiras que Emanuel viu e que resultaram numa série de experiências. Por uma deficiência técnica usava guache branco coberto com nanquim preto, depois lavava, tirando o branco do guache e deixando o nanquim que mostrava os casarões de Santo Amaro.

O movimento artístico que Emanuel Araújo e Caetano Veloso fizeram surgir marcou época em Santo Amaro da Purificação, cidade do Recôncavo baiano onde ambos nasceram. Colegas de turma, ao terminarem a quarta série decidiram angariar dinheiro para uma excursão a Aracaju. Fizeram shows, exposições, programas da Rádio Educadora e peças de teatro.

Emanuel ao completar 19 anos foi para a capital fazer o curso científico, mas só fez até o segundo ano.

— Entrei em contato com Henrique Oswald, professor da Escola de Belas Artes que me aconselhou a ingressar na Escola. Fiz vestibular e passei dois anos fazendo gravuras em branco e preto. Minha primeira exposição foi na galeria Bonino do Rio, em 1965. Desde então a minha gravura mudou muito na forma e na cor mais chapada. Colava *lacados* e usava clichês para conseguir efeitos de enriquecimento e aproveitar a agressividade da madeira. A partir daí minha gravura começou a sofrer uma desfiguração pois apesar de ainda utilizar como temas a natureza morta, era de um modo bem abstrato. Um ano depois comecei a fazer gravuras completamente abstratas e foi nessa época que iniciel o uso do relevo, que persigo até hoje. Na fase abstrata comecei a empregar uma temática muito menos ligada à Bahia e sua característica são pequenas áreas de cor e grandes áreas com relevos servindo para amarrar a cor. O relevo, a gravura em metal e o zinco retorcido são também aplicados em meus novos trabalhos para quebrar a rigidez da forma figurada.

A sua preocupação atual é encontrar um papel que possibilite, além da impressão normal da gravura, um relevo gigantesco. Em consequência desta procura está esculpindo pedaços de madeira de um metro por dois, com enormes relevos, para testar a elasticidade do papel. Para ele, das técnicas de arte "a gravura é a que menos dá dinheiro."



## Ascânio M. M. M.

### A vocação confirmada

— A cada novo trabalho, sinto que minha experiência artística se aproxima cada vez mais da arquitetura.

— Quem diz isto é Ascânio Maria Martins Monteiro, um arquiteto formado no ano passado, que nasceu na aldeia de São, Portugal, em 1941, e que vive no Brasil desde 1959. Ascânio faz relevos e estruturas com ripas que pinta de branco para torná-los neutros. Sua única preocupação são os jogos de luz e sombra sobre o trabalho.

— No Resumo vou apresentar minha melhor representação porque agora não estou com problemas de tempo, dinheiro e espaço. Os trabalhos para esta mostra são grandes e foram planejados há muito tempo. Antes de me formar tinha dificuldade para comprar ripas e tintas, e para transportá-las. Uma escultura que realizei em 1966, por exemplo, só foi concluída porque fiz grandes sacrifícios. Na época eu ganhava Cr\$ 100,00. Emprequei no trabalho 860 pedaços de madeira, que foram cortados, lixados, colados e pintados por mim. É verdade que antigamente eu complicava as coisas, hoje simplifiquei meu trabalho. Antes eu gastava todo meu dinheiro com material, hoje gasto meio salário e moro no próprio atelier para não perder tempo.

Quando Ascânio começou a se interessar por arte, o que mais o impressionava eram as maquetes de edifícios. Viu então no MAM, vinda da VI Bienal de São Paulo, uma exposição do inglês Victor Pasmorre, com trabalhos de pedaços de madeira dispostos sobre painéis de vidro. "E minhas primeiras peças foram praticamente uma seqüência das dele."

— Passei cinco anos numa escola que era de tudo menos de arquitetura. Nunca tive ambiente, melos, nunca fui capaz de terminar um projeto de arquitetura. Fiz ainda dois anos de Belas-Artes, e lá também o ambiente era hostil. Nas duas escolas, a matéria História da Arte é dada como se dava há 100 anos, nunca assisti a uma aula de História de Arte Moderna, eles ainda ensinam arte egípcia aos alunos, o que é uma maneira de desinformar.